

A Busca das artes dos nomes reais

*Lara Jannyfer Batista Ferreira

Eu busco uma arte em que eu leia o nome

de Ágatha, assassinada por bala perdida na birosca, no complexo do alemão
de Kauã, assassinado por bala perdida em Bangu, na zona oeste do Rio
de Cláudia, arrastada por viatura policial
de Matheusa, assassinada no Rio de Janeiro
de Dandara, linchada e assassinada em praça.

E de

Zeferina, rainha quilombola que lutou contra a escravidão
Castiel Vitorino, artista visual e psicóloga que trabalha com experiências de cura do povo preto
Jaider Esbell, artista visual macuxi vencedor do prêmio Pipa
Stela do Patrocínio, poeta brasileira que viveu internada na Colônia Juliano Moreira
Madame Satã, transformista preso mais de uma vez por propagar a balbúrdia no Brasil.

Eu busco formas de artes no mundo e nas corpos, que sejam reais como elas são porque eu sou real e tenho olhos, boca, pele, fome e frio.

Eu busco formas de arte que sejam múltiplas porque minha corpa é múltipla e única no mundo.

As artes sempre partem de corpos únicos, específicos,

com olhares específicos,
com cores específicas,
com sexualidades específicas,

A busca das artes dos nomes reais

com gêneros específicos.

Moldam suas formas

*de sentir a realidade,
de trocar com a realidade,
e automaticamente
de produzir realidade a sua volta.*

Nesse jogo relacional da vida cotidiana surgem as artes como pontos de comunicação, reverberação, ressignificação, crítica, disputa de narrativa e (re)construção de imaginários. E elas, as tão temidas artes, surgem transbordando dos celulares, dos *outdoors*, dos ônibus, das estações de metrô, das rádios, das televisões. Mas para falar de quem?

Eu olho para os rostos que são similares aos meus,

*eu olho para as corpas-artes por quem me encanto,
eu olho para os conhecimentos que saem de nossas línguas e
onde estão nossas formas tão múltiplas de se viver e ver a vida?*

Quais corpas estamos escondendo nas mesmas valas de esquecimento e sangue quando não damos nomes aos nomes que não tiveram direito de ecoar?

*O discurso de arte única, certa, direita, reta é colonizador
O discurso de arte única, certa, direita, reta é epistemicida
O discurso de arte única, certa, direita, reta não é América
Latina.*



A Arte não existe nessa terra. Mas as artes de sobrevivência de todas as corpos dissidentes africanas resistem. Resistem. Resistem. Resistimos.

E existimos como

Tatiana Nascimento – multiartista escritora, produtora, musicista, sapatona

Rosa Luz – rapper, modelo, digital influencer, travesty

Brunety BG – cantora, atriz, produtora, modelo, performer, travesty

Xibi Rodriguez – artista visual, rapper, produtora, escritora, bissexual

Kabe Rodriguez – artista visual, performer, produtora, curadora, diretora, musicista, travesty

Medro Pesquita – artista visual, performer, produtora, diretora, atriz, DJ, musicista, não binária

Titia Maldita – artista visual, performer, atriz, produtora, musicista, produtora, não binária

Ana Caroline Brito – cineasta, dançarina, escritora, pesquisadora, sapatona

Bruno Victor – cineasta, escritor, pesquisador, gay.

Todas negras,

Todas vivas,

Todas ecoando seus nomes

Todas formas diversas de corpos diversos que são divindade em suas diversas formas de ser artes.

E nossas corpos são tão reais quanto nossas formas de produção.

*Lara Jannyfer Batista Ferreira é graduanda em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília